


PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Desemprego é recorde e pode piorar

Taxa vai a 13,8%, diz IBGE; apesar do maior número de vagas formais apontado por Caged, especialistas não veem recuperação no curto prazo

Daniela Amorim / RIO
Douglas Gavras / SÃO PAULO
Lorena Rodrigues / BRASÍLIA

Com um recorde de 13,8%, no trimestre até julho, o desemprego deve demorar ao menos até 2022 para voltar ao patamar de antes da pandemia da covid-19, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua. Apesar de o País ter aberto 249 mil vagas formais em agosto, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), especialistas estimam que, entre formais e informais, a desocupação seguirá piorando até 2021.

A Pnad Contínua de julho, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra o tamanho da deterioração: em apenas um trimestre, 7,214 milhões de brasileiros perderam o emprego. Em um ano, o total de postos extintos supera os 11,5 milhões. A taxa de desemprego, de 13,8% no trimestre encerrado em julho, ou 13,1 milhões de pessoas, foi a pior desde que a pesquisa foi iniciada, em 2012. No trimestre até julho do ano passado, a taxa era de 11,8%.

Os números sugerem que o País chegou no terceiro trimestre a um cenário que já preocupava os economistas: com o afrouxamento das medidas de isolamento, o brasileiro vai, aos poucos, voltando às ruas para buscar emprego – mas as vagas de trabalho não estão mais lá.

Faltou trabalho para 32,892 milhões, somados todos os subutilizados. A pesquisa, que segue recomendações internacionais, considera desempregado quem buscou uma vaga. Embora a demissão tenha sido massiva, a maioria que perdeu seu emprego caiu na inatividade.

“O desemprego só não foi maior, porque a força de trabalho continuou caindo em julho. Agora, conforme as suspensões de contratos de trabalho feitas pelas empresas para evitar cortes forem se esgotando, aumenta o risco para esses empregados”, avalia Cosmo Donato, da

RECORDE

Taxa de desemprego



*EM RELAÇÃO AOS TRÊS MESES IMEDIATAMENTE ANTERIORES

FONTE: IBGE | INFOGRÁFICO/ESTADÃO

HÁ VAGAS

Saldo de empregos com carteira assinada*



*DEMISÕES MENOS ADMISSÕES

FONTE: MINISTÉRIO DA ECONOMIA

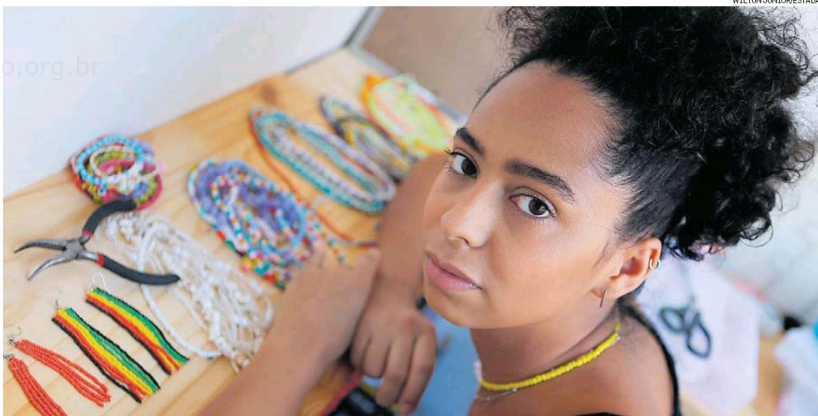
LCA Consultores.

A expectativa da consultoria é de que a desocupação encerre este ano em 15% e continue subindo, até chegar a um pico de 18,5% no primeiro trimestre do ano que vem, atingindo 15,5 milhões de pessoas. A estimativa é que o desemprego só volte ao nível dos 11% – em que estava antes da pandemia – em 2022.

“Isso, num cenário em que o Produto Interno Bruto (PIB) do País cresça em um ritmo de 3,5% em 2021 e 2022”, ressalta Bruno Ottoni, da IDados. “A desocupação ocorria em ritmo lento, mas os dados de julho assustam. Uma recuperação antes de 2022 é pouco provável.”

Apesar do recorde negativo

Sem trabalho



Produção. Sabrina produz e vende acessórios para se manter depois que foi demitida de uma loja do centro do Rio

‘FUI ESCOLHIDA PARA REDUZIR O QUADRO’

Demissão muda planos de operadora de caixa

Érika Motoda

Sabrina Torres, 27 anos, foi operadora de caixa durante dez meses em uma loja no centro do Rio de Janeiro até abril deste ano, quando foi demitida por causa da pandemia do coronavírus. “Meu amigo, que tam-

bém trabalhava lá, me ligou avisando que tinha sido demitido. Assim que ele desligou, minha supervisora me avisou que eles precisariam reduzir o quadro de funcionários e eu tinha sido escolhida.”

Com a demissão, ela precisou entregar a casa onde morava de aluguel com o namorado, que

era barman em um restaurante no aeroporto do Galeão, mas foi demitido em janeiro deste ano. Ele foi morar com a mãe dela em Natal (RN), para onde Sabrina planeja ir no fim de outubro para ter um pouco mais de estabilidade.

Desde então, mora na casa de uma amiga. Durante a semana, produz acessórios para as encomendas que recebe e também para vender em Ipanema nos fins de semana. Ela disse que consegue cerca de R\$ 100 com a venda dos acessórios na praia.

Já Vitória Mendes, 20 anos, estava prestes a completar um ano como estagiária para, en-

tão, ser efetivada no escritório de um SPA médico em São Paulo, mas a estudante de administração foi demitida por vídeo chamada no início de maio e, dois meses depois, voltou para a casa dos pais, em Santa Catarina.

A retomada dos planos, de estudar e trabalhar, porém, vai depender do aquecimento do mercado de trabalho: “Por estar na casa dos meus pais, não me falta nada. Mas não é algo que eu queria depois de ter passado anos morando sozinha, de ter meu emprego e, agora, não ter nada, nem perspectiva”, disse.

da Pnad, o Caged, também divulgado ontem, pelo Ministério da Economia, trouxe um alento: 249.388 vagas com carteira assinada foram abertas em agosto. Foram contratados 1,239 milhão de formais e demitidos 990 mil o melhor resultado para agosto desde 2010. Nos oito primeiros meses do ano, porém, as demissões superaram as contrata-

ções em 849.387.

As pesquisas têm metodologias diferentes: enquanto o Caged considera só os com carteira, por meio dos dados que as empresas enviam ao governo, a Pnad Contínua faz amostra de domicílios com dados de vagas formais e informais, domésticos, empregadores etc.

Os economistas também ponderam que os programas de ma-

nutenção dos empregos, como a suspensão de contratos e a redução de jornada e salário, ajudaram a evitar mais fechamentos de postos formais, o que se reflete nos dados do Caged.

Saídas. Na avaliação dos economistas, mesmo que o cenário para o mercado de trabalho em 2021 ainda seja desafiador, algumas medidas podem ser toma-

das para minorar esse baque.

“A proposta de renda mínima após o fim do auxílio emergencial pode ajudar a reduzir a queda menor do consumo das famílias mais pobres. A grande questão é como financiar isso, sem o País arruinar ainda mais as suas contas”, avalia Daniel Duque, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV).